

# Expansão Marítima e Revolução Comercial

João Pedro Ricaldes dos Santos – História 2011

**O Capitalismo Comercial (Século XVI ao XVIII) forma-se a partir das transformações econômicas dos séculos XV e XVI, como o início das Grandes Navegações, o aumento da produção têxtil e o afluxo de metais preciosos das Américas. Estas transformações constituem a chamada Revolução Comercial**

As navegações europeias pelo Oceano Atlântico, chamadas Grandes Navegações, tiveram como objetivos, na primeira metade do século XV, romper o monopólio italiano sobre o comércio com o Oriente e buscar novas jazidas de ouro e prata para compensar a escassez de metais (surge o metalismo). A partir da segunda metade daquele século, acrescenta-se a necessidade de encontrar rotas alternativas ao fechamento do comércio mediterrânico pelos muçulmanos da Turquia, que tomam a cidade de Constantinopla (1456), ponto estratégico para a rota italiana para o Oriente.

Portugal foi o pioneiro nas navegações devido a suas vantagens históricas em relação aos outros países europeus. Foi a primeira monarquia nacional da Europa, pré-condição para investimentos de longuíssimo prazo. A monarquia se unifica com a dinastia de Borgonha (século XII) e na dinastia de Avis (1385-1580) desenvolvem-se novas técnicas de navegação (Escola de Sagres).

Portugal contava ainda com sua posição geográfica privilegiada, com litoral diretamente voltado ao Atlântico. Os navegantes portugueses escolheram o litoral da África como rota alternativa à Índia, o chamado périplo africano. Esta rota começou a ser procurada em 1410 e a primeira viagem à Índia se completou em 1498, com Vasco da Gama..

A Espanha foi a segunda nação a se lançar nas navegações sobre o Atlântico, após também concluir sua própria centralização política em 1492. Nesta data finaliza-se o longo processo de expulsão dos muçulmanos da Península Ibérica, chamado Guerra de Reconquista. Os espanhóis utilizaram o caminho proposto e descoberto por Cristóvão Colombo, isto é, buscaram a rota alternativa para a Índia em mar aberto, através da “viagem a Oeste para atingir o Leste”.

Inglese e franceses só iniciariam suas navegações no século XVI, após se recuperarem da longa Guerra dos Cem Anos (1337-1453). As rotas ibéricas e suas descobertas já estavam consolidadas e aprovadas pelo Papa, através do Tratado de Tordesilhas. No entanto, ingleses e franceses não aceitaram os termos do Tratado e passaram a ocupar terras já invadidas por espanhóis e portugueses, além de estimular abertamente a ação de corsários e piratas.

A exploração dos vastos domínios descobertos (ou invadidos) conduziu os europeus a desenvolver o mercantilismo, cujas principais características foram: a intensa intervenção estatal na definição de negócios, comércio e monopólios; a busca de metais preciosos, então considerados a fonte de riqueza de uma nação; a manutenção de uma balança comercial positiva; a imposição de altas taxas sobre produtos estrangeiros; e o incentivo à produção manufatureira (industrialismo).

Cada país europeu desenvolveu uma versão própria destas práticas. Os espanhóis concentraram-se na exploração do ouro dos astecas e incas, deixando de lado os outros ingredientes da fórmula mercantilista. Foi o chamado bulionismo. A ênfase na produção interna de manufaturados foi a característica do mercantilismo francês, então chamado Colbetismo, e também do caso inglês, conhecido como industrialismo.

Associado aos negócios ultramarinos a Europa desenvolveu novas práticas econômicas que constituíram a Revolução Comercial: novas técnicas agrícolas, as Grandes Navegações, aumento de financiamento bancário, substituição de obrigações feudais por pagamento em dinheiro, crescimento da produção têxtil, grande fluxo de metais preciosos das Américas e a escravidão.